

Arte, sim! ativismo, também!



Por **PAULO MARTINS***

Considerações sobre a estratégia de ambientalistas de “ataques” a quadros famosos

O ativismo ambiental desde os anos 1970, sempre teve como característica ações de protesto que visavam a chamar a atenção do mundo. Não rara vez, os atores colocavam em risco suas vidas como forma de ecoar as pautas defendidas no cerne da imprensa mundial.

Membros do *Greenpeace*, algumas vezes colocaram *banners* imensos em locais de difícil acesso – nem mesmo o Cristo redentor, no Rio de Janeiro, saiu imune; acabou atuando em prol da causa climática. Outros grupos intercediam em defesa das baleias: num pequeno barco, posicionavam-se entre o arpão e os animais. Tais ações não têm resultado prático imediato; entretanto, pela ousadia e pelo perigo põem em relevo a importância da causa, de forma que as ações são valoradas: quanto maior o perigo, maior a causa.

Há algum tempo, vários ativistas em países diversos, municiados por algumas organizações, criaram uma nova forma de protesto. O “ataque” a obras de arte consiste em algum tipo de intervenção nas telas: jogar sopa, torta, purê de batatas, colar as mãos nelas (ou junto delas) são algumas possibilidades. Seus alvos: “*Girassóis*” e “*Pessegueiro Rosa em Flor*” de Van Gogh, “*A Mona Lisa*” e “*A Santa Ceia*” de Leonardo Da Vinci, “*A Carroça de Feno*”, de John Constable, “*A Primavera*” de Sandro Botticelli, um dos quadros da série “*Les Meules*” de Claude Monet entre outras. Só o valor desta última é estimado em 500 milhões de reais o que impõe sentido às ações, dimensionando-as.

As causas são variadas, e os grupos, diversos. Mas, deve-se dizer são causas extremamente relevantes. O que se pode dizer da fome? Como questionar os problemas do clima? Por seu turno, os grupos de ativistas não são irresponsáveis; afinal, há que se ressaltar, as obras saem ilesas. Mas um ponto é fundamental: se no caso do *Greenpeace* a mensuração era o perigo, nesses casos é o seu valor monetário e artístico incomensurável. Acredito que para esses ativistas, no mundo atual, é necessário para dar valor concreto às suas pautas, no caso, bilhões de dólares.

Um caso sintomático é o caso da organização “*Just Stop Oil*” que entre seus financiadores está Aileen Getty, neta de John Paul Getty, o magnata do petróleo e fundador da *Getty Oil Company*. Mais do que isso, a família Getty é proprietária de uma das mais importantes coleções de arte dos Estados Unidos – pelo que me parece óbvio que ações dessa magnitude performática são milimetricamente calculadas, e sua aderência nos meios de comunicação é importante; assim põe em destaque as causas da fome, do clima por exemplo.

O fato, no entanto, de as obras não serem danificadas não pode ser uma licença para algo que, de fato, ultrapassa os limites do bem público ou da propriedade privada. Quando é bem público, o fato de sê-lo não dá direito ao cidadão de dela fruir ou usá-la de qualquer maneira. Por outro lado, um museu particular que investe milhões de dólares para adquirir uma preciosidade não pode ser “atacado” em sua propriedade.

Porém se a propriedade é privada e de valor e se o bem público pertence a todos. O que poderíamos dizer de nosso clima, de nossa fome e de nossa saúde? Se os “ataques” aos quadros são reprováveis, muito mais grave é o que nos impõe a iniciativa privada não sustentável e o governo irresponsável pois que, no limite, ambos não cuidam da vida.

***Paulo Martins** é professor de Letras Clássicas e diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Autor, entre outros livros, de *A representação e seus limites* (Edusp).

a terra é redonda

Publicado originalmente no jornal [Folha de São Paulo](#).

**O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.
[Clique aqui e veja como](#)**

A Terra é Redonda